

“A natureza que me habita”



Foto: Divulgação

A partir de 18 de janeiro, após temporada em Lisboa, Ana Durães apresenta produção atual na Galeria Contempo, no Jardim América, em São Paulo

Passada quase uma década desde sua última individual na capital paulistana, a artista visual Ana Durães retorna com trabalhos recentes, todos inéditos, com a exposição *“A natureza que me habita”*. A partir do dia 18 de janeiro, ela ocupará a Galeria Contempo, em São Paulo, com cerca de 20 obras em técnica mista, tinta acrílica e óleo sobre tela e linho, com médios e grandes formatos. O texto crítico leva assinatura da cientista social, historiadora e curadora de arte Vanda Klabin.

Morando entre Rio e Lisboa, Ana Durães costuma trabalhar imersa na natureza, inspirada nas paletas de cores ao seu redor, no ateliê que mantém na serra de Petrópolis: *“A natureza que me habita vem bem antes da pandemia. Penso que a natureza sempre me habitou. E o costume de estar dentro dela se fortificou na necessidade da reclusão. Na necessidade da solidão”*, afirma.

A artista revela que não segue tendências artísticas. *“Sou uma artista pós-moderna no mundo contemporâneo, onde sigo meus impulsos sensoriais. Pinto o que vejo e sinto. Mas, da forma como vejo, não necessariamente uma natureza real. Uma simples folha pode ser floresta. Uma poça de chuva pode virar rio. Nada do que vejo me é alheio, misturo as flores, as cores, o meu jardim, com imagens imaginárias. Quase abstratas. Acaba por tornar-se um jardim das delicadezas. As flores que apresento agora, inéditas, foram trabalhadas nos últimos três anos, mas na verdade moram em mim há 62 anos. Elas são alegorias da minha natureza, onde transmuta dor em amor até tornar-se alegria”*, conclui.



Foto: Divulgação

ANA DURÃES: A NATUREZA QUE ME HABITA (POR VANDA KLABIN)

A natureza com suas paisagens reais, alegóricas ou míticas tem um papel decisivo para a história da pintura. É uma matéria sempre suscetível à interpretação e à reflexão, que estimula o processo criativo e converge para as inúmeras possibilidades plásticas do mundo. A interlocução com a natureza, que orchestra imensas áreas de cor, está presente na pintura de Ana Durães. A artista encontra sua gramática poética no ritmo da vida real, e suas telas consolidam um tratamento cromá-

tico que irradia um diálogo visual pela ação de seu imaginário, um éden mágico que anseia por consonâncias.

A paisagem, a presença de árvores e as naturezas-mortas fazem parte do campo narrativo que se instala em suas pinturas. Seus reflexos, suas luminosidades, suas colorações, suas inquietudes rítmicas, suas ambiguidades veladas, tudo se transforma em acontecimento plástico. Observamos a liberdade das pinceladas, a supressão de um ponto central, os efeitos de luz que dissolvem a superfície da tela. Espécies de narrativas breves, como poemas instantâneos, que reforçam a sensação de uma eterna redescoberta e de uma atmosfera cromática misteriosa – um verdadeiro paraíso de possibilidades estéticas. Os vasos de flores e a vegetação tecem um diálogo visual, alternando-se em suas múltiplas direções, ora se insinuando, ora ocupando todo espaço, gerando uma disponibilidade plástica como se fosse uma fricção cromática da natureza.

Sensível à poesia contida na vida silenciosa dos acessórios agenciados na sua cotidianidade, Ana Durães procura, nas formas encontradas nas suas naturezas-mortas e paisagens, o tratamento do espaço plástico no que diz respeito aos volumes e à incidência da luz sobre as formas e os resultados das variações e da modulação pela cor. Uma fermentação germina entre as suas cores constitutivas e manifesta a vitalidade da artista e a sua exuberância encantatória do mundo.

SOBRE ANA DURÃES

Artista visual, nasceu em Diamantina (MG), em 1962, e mora no Rio de Janeiro. Iniciou seus estudos na Escola

Guignard de Belo Horizonte, em 1981. Concluiu o curso de formação na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, em 1987. Participou de centenas de exposições coletivas e individuais no Brasil e exterior. Entre as recentes individuais constam: *Mundo das Coisas*, em 2012, quando comemorou 30 anos de carreira no Espaço Furnas Cultural no Rio de Janeiro; *Novos Pretos Novos* (2013), na Galeria Sergio Gonçalves, no Rio de Janeiro; em 2018, na ArtfactGallery em Nova York. Em 2020 apresentou a exposição *Altered Nature*, em diálogo com o fotógrafo Daniel Mattar, na Brisa Galeria, em Lisboa. Suas obras são encontradas em diversos acervos no Brasil e no exterior.

SERVIÇO

“Ana Durães: a natureza que me habita”

Abertura: dia 18 de janeiro de 2025, sábado, das 10h às 16h

Visitação: até 3 de fevereiro de 2025

Galeria Contempo

Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 1644, Jardim América, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3032-5795 | contato@galeriacontempo.com.br

www.galeriacontempo.com.br

Dias/Horários: de segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábados, das 10h às 16h



Foto: Divulgação